

# Telescópio do setor

**Muito do crescimento do setor de celulose e papel passa antes pelo crivo da Jaakko Pöyry Tecnologia, que há 30 anos está no Brasil, acompanhando e participando dos movimentos desta indústria competitiva em nível mundial**

Por Fabio Saraiva

Informação relevante, caminhos mais seguros! Nos tempos do astrolábio, instrumento que determinava latitude e hora, em função da posição das estrelas, para fornecer algum caminho aos navegadores, a informação era tão valiosa quanto nos tempos de hoje. Portanto, a palavra da Jaakko Pöyry Tecnologia – que comemora 30 anos no país –, sobre o setor de celulose e papel vale muito no mercado.

Para quem navega nos mares das incertezas, as dúvidas vêm de todos os lados, a exemplo da eleição presidencial norte-americana, em que um dos candidatos é desconhecido no cenário internacional, e um Iraque e Oriente Médio cada vez mais fora de controle, por exemplo. “Adiciona-se a isto uma taxa cambial entre o dólar e o euro e as inseguranças sobre como isto deverá evoluir. Assim, ninguém pode imaginar o que se segue”, define Carlos Farinha, vice-presidente executivo de Desenvolvi-



**Para Farinha, a produção de pasta BCTMP evoluiu bastante, chegando a graus interessantes de alvura e qualidade**

to de Negócios para a América Latina da Jaakko Pöyry Tecnologia.

Os impactos nos negócios são certos, conforme Farinha. Porém, “só não se sabe como eles ocorrerão”. Outro questionamento sobre a sustentabilidade do crescimento econômico surge em relação à Índia e China, além dos referentes a questões socioambientais. Somente o gigante chinês, com alta prevista de 9% para este ano, vem consumindo quantidades cada vez maiores de celulose, o que torna o Brasil exportador suscetível a algum espiro mais forte do dragão.

Mas como viver já é um grande risco? a celulose verde-amarela não tem medo das ameaças. Ao contrário, ganha cada vez mais espaço no exterior, sendo o carro-chefe da indústria florestal nacional. Por tudo isso, a *commodity* dita as regras das próximas expansões produtivas do País. “Os grandes projetos em discussão são Veracel e a expansão da Bahia Sul, ambos de celulose de mercado”, aponta Farinha. Mas o papel de imprimir e escrever e os de embalagem não têm ficado para trás no quesito exportação.

Entre as novidades em termos de fibra, além do eucalipto e pinus, está o bambu, que tem se apresentado como um interessante nicho na produção de cartões. “Para vir a se estabelecer de forma competitiva existem alguns problemas técnicos intrínsecos, que estão sendo avaliados, além da questão de manuseio, em contrapartida a algumas vantagens quanto ao crescimento e subprodutos obtidos”, aponta o vice-presidente, ao afirmar que fábricas de porte médio chegam a alcançar sucesso na Ásia neste mercado.

Outra novidade em produto no Brasil é a pasta termomecânica branqueada (BCTMP) a partir da espécie *Acácia mangium*, que será fabricada em Roraima pela Brancocel para exportação. “A tecnologia de produção desta pasta evoluiu bastante com novos processos e chegou-se a graus de alvura e qualidade muito interessantes”, opina Farinha. O problema deste tipo de produção é a demanda energética que, no caso da Bran-

co cel, será atendida por usina hidrelétrica localizada na Venezuela.

## UM HORIZONTE DE NOVAS OPÇÕES

Como consistentes candidatos ao sucesso, mais produtos de base florestal se apresentam promissores do maior desenvolvimento da indústria ao futuro. Neste ambiente, uma tendência esperada pelos consultores da Jaakko Pöyry Tecnologia reside na consolidação do aproveitamento da árvore de forma mais integral, a exemplo do que fazem outras indústrias do setor, como as do Chile.

“Esse avanço das possibilidades da base florestal do Brasil ainda não deslanchou, mas é certo o enorme potencial na utilização da madeira como um todo, aproveitando partes mais nobres para algumas aplicações, principalmente em fibra longa”, acredita Farinha. Mesmo as mobílias de eucalipto têm sido um sucesso, até nas exportações. Para o consultor, as empresas de celulose, sobretudo de pinus, que já vendem muita madeira, devem avançar uma etapa e acrescentar mais valor aos produtos florestais, alguns com margens muito interessantes que, de acordo com Farinha, poderiam complementar os negócios de celulose e papel, gerando certo balanceamento entre produções e mercado.

“O desafio está em como tirar a maior margem de cada árvore”, acrescenta Manoel Neves, gerente de Desenvolvimento de Mercado da Jaakko Pöyry Tecnologia. Prontas para enfrentar este desafio e sintonizadas com este movimento, algumas empresas nacionais já possuem suas serrarias. “Essa consciência começa a surgir entre as companhias daqui e deve ser uma tendência a ser desenvolvida no futuro, com empresas florestais fazendo uma série de produtos”, complementa Farinha. *(Leia a seguir as previsões sobre cada um dos principais segmentos de papel nacional, pela lente dos especialistas da Jaakko Pöyry Tecnologia)*

## Imprimir e escrever

Aqui é preciso diferenciar os resultados dos papéis não revestidos dos revestidos. O primeiro é um segmento que se beneficia por ter custos estruturais



em grande parte integrados, sentindo os reflexos positivos diretos da celulose de mercado nacional. É também uma indústria que tem utilizado muito bem a sua capacidade exportadora, refinando-a e desenvolvendo-a. Apesar de não possuímos aqui uma estrutura tão moderna quanto a que temos na celulose de mercado, como em escala, por exemplo, existem algumas máquinas brasileiras de papéis não revestidos bastante competitivas em termos internacionais. Entretanto, é um segmento que já achou o seu caminho e seu nicho de mercado internacional, devendo continuar em franca ascensão e projetando-se cada vez mais no exterior.

Já o papel revestido está ainda muito apontado para o mercado doméstico, sendo que a importação do Brasil diminuiu bastante. Trata-se de um segmento com potencial, caso seja pensado com espírito de mercado externo, examinando a competitividade nacional. Embora no momento isto esteja longe, pois a nossa base ainda é pequena, para o longo prazo deve ser uma alternativa interessante. Para isso seriam necessários novos projetos, que neste segmento demandam investimentos relativamente altos para que se alcance uma competitividade consistente.

### **Papel de embalagem**

Após certo tempo de imobilismo, este segmento promete avanços interessantes. O kraftliner é um produto competitivo, quando fabricado em escala suficiente e com custos adequados. Trata-se também de um produto independente dos problemas de energia elétrica, em que a matéria-prima está sob controle, no caso dos grandes produtores. Vivemos o início de um novo período, em que o setor está revisitando sua capacidade exportadora, que já foi maior.

Este setor certamente crescerá pela via da exportação direta e também por abastecer indústrias exportadoras, como o agronegócio nacional. Apesar do setor reencontrar agora esta vocação, a base de competitividade dele é grande.

Existe um crescimento bastante significativo no mercado doméstico de testliner, porém este avanço tem um limitante na desorganização do segmento de

aparas nacional. A alta no consumo deve-se às questões ambientais e aos custos.

### **Papel cartão**

O consumo de papelcartão cresce no Brasil e também há movimento nas exportações. Por aqui, este incremento é motivado pela maior exigência dos consumidores por embalagens mais atraentes e comunicativas. É um setor que sofre concorrência direta das matérias plásticas; entretanto, atingimos um ponto onde temos tudo para evoluir, com grande progresso. Este também é um segmento que vai para fora indiretamente, embalando vários segmentos exportadores. Estes segmentos sofisticam-se acompanhando as demandas do varejo, como a publicidade do produto na própria caixa, que pode ser utilizada como *display* promocional. Hoje é preciso que uma caixa tenha capacidade estrutural, com resistência para ser empilhada e, ao mesmo tempo, possua uma superfície que dê uma boa impressão.

### **Tissue**

Muito centrado no mercado doméstico e, por conseguinte, muito sujeito ao poder aquisitivo e à Economia em geral. Em inícios de planos econômicos, com a ausência de inflação, surgem os picos de consumo deste papel em seus segmentos mais nobres. Mas, passado o período, cresce o consumo por produtos mais simples, como papéis à base de aparas, mais baratos.

Por ser o segmento mais próximo do usuário final e das gôndolas de supermercado, caso alguma empresa quisesse exportá-lo, além do transporte e da colocação no varejo do país de destino, com todas as questões logísticas envolvidas, teria que deter uma estrutura global por lá. Mas até existem algumas empresas exportando produtos diferenciados deste segmento, em movimentos interessantes.

Por aqui são três grandes empresas - uma delas sendo um grupo global que aposta nesta distribuição regional - depois existe uma grande quantidade de empresas que aposta em nichos, bem localizados. Cenário que não deve se modificar. Por mais que as grandes empresas tentem estruturar-se, sempre ha-

verá espaço para o regional, que reforma máquinas antigas e segue produzindo. E a falta de um componente exportador deixa as empresas mais suscetíveis às intempéries econômicas locais.

Vários segmentos têm potencial de crescimento a partir da melhoria do poder aquisitivo da população; porém, o tissue é o que apresenta este potencial de forma mais explícita, já que o consumo *per capita* é de cerca de 3,5 kg, enquanto em países desenvolvidos isto chega a ser dez vezes maior.

Destaca-se, ainda, o segmento de papéis institucionais (*away from home*) que vem crescendo com compras por hospitais, restaurantes, fornecimentos governamentais. O Brasil já esteve atrasado neste segmento em relação ao mundo mas, agora, o está descobrindo.

### **Papel de imprensa**

É um negócio de apenas um produtor no Brasil e existe um projeto em estudo para instalação de uma grande máquina, que tem sido atrasado por alguns fatores. Um deles é o próprio mercado de papel jornal, que não vem apresentando resultados animadores no mundo inteiro, crescendo apenas na América do Sul e Ásia e, mesmo assim, com expectativas abaixo da média de projeção do setor. Assim, embora o Brasil seja uma exceção, o seu mercado também possui problemas. Quando se é um grupo global, examina-se os mercados de maneira também global, verificando-se onde estão as oportunidades. Como neste segmento existem poucos, mas grandes produtores, há no mundo, principalmente no Canadá, uma grande competitividade e a concorrência ocorre de forma agressiva. Deste modo, os projetos têm que ser muito bem posicionados; quando se compara o nível de investimento no Brasil, esbarra-se no peso dos impostos. Caso este projeto entrasse em operação, a auto-suficiência do país neste segmento não seria conseguida; porém, o mercado doméstico estaria muito melhor abastecido, com impacto positivo na balança comercial e milhões de dólares economizados. O que se sabe é que o projeto está em estudo e não foi desconsiderado, o produtor tem sido bem transparente e deixado isto bem claro. 

### **HISTÓRIAS, QUE SE CRUZAM**

Conheça mais sobre a história do setor, pela retrospectiva dos 30 anos da Jaakko Pöyry Tecnologia no Brasil. Acesse o site: [www.abtcp.org.br](http://www.abtcp.org.br), Revista *O Papel*, edição maio/2004, Reportagem Jaakko Pöyry Tecnologia